

INTRODUÇÃO

Quando elaboramos a chamada de artigos para o dossiê *Metodologias*, esperávamos receber trabalhos que pudessem contribuir de forma crítica com análises contemporâneas nesse campo. Esperávamos também prover um debate que circulasse entre as diversas áreas das ciências humanas de maneira interdisciplinar, que ampliasse o espectro de referências sobre as diversas abordagens teóricas considerando novos diálogos e reflexões.

Os artigos aqui selecionados representam uma síntese das nossas expectativas, e atravessam diversas áreas das ciências humanas tendo nas formas de apreender o mundo seu pano de fundo. Há um eixo central tendo nas formas de apreender o mundo seu pano de fundo que perpassa os artigos aqui contidos e que representam alguns dos principais questionamentos encontrados nas narrativas de pesquisa, como o debate sobre a ideia de real relacional, como construção espacial, física e temporal; o reconhecimento dos limites e fronteiras de métodos; a cognoscibilidade da ideia de global; a desconstrução e ressignificação de categorias como espaço e temporalidade que se transformam, seja com as novas tecnologias, seja no reconhecimento do limite de alteridade na produção de discurso sobre o outro; o registro de conceitos e lugares como construções ficcionais; a busca de elementos teóricos que extrapolem as categorias e formas de compreensão dos objetos; a própria reformulação da relação entre sujeito e objeto; gênero e corpo; sobre conceitos e arcabouços epistemológicos que colocam em xeque a ideia de universalidade; o questionamento dos parâmetros da chamada ciência moderna; e a retomada do debate entre natureza cultura ancorado na crítica da objetividade científica.

A emergência de novas tecnologias, as reorganizações políticas em escala global e o debate sobre corpo e gênero extraídos das narrativas de pesquisa contemplam a discussão sobre interdisciplinaridade e ampliam o diálogo entre as diversas áreas das ciências sociais. Abaixo apresentamos um breve resumo dos trabalhos contidos neste dossiê.

O primeiro artigo deste conjunto, “Globalização e teoria social contemporânea: um ensaio metodológico” escrito por Danilo Arnaut

apresenta sua narrativa de investigação sobre cognoscibilidade dos processos de Globalização com base em seus estudos teóricos sobre os sociólogos Octavio Ianni e Ulrich Beck. No texto, Arnaut aponta os caminhos trilhados frente a dualidades comumente imputadas a estudos teóricos, como os pares texto/contexto e teoria social/narrativa histórica, e possuem como pano de fundo um questionamento sobre como abordar epistemologicamente a ideia de “global”. Seu trabalho assinala a passagem de globalização como um tema emergente do final do século XX para sua afirmação como campo de estudo efetivo, a saber, uma *sociologia da globalização*

Em “De hibridismo e metáfora. Sobre a impossibilidade de apreender a Índia”, Mariana Faiad Alves problematiza questões como temporalidade e hibridismo através de metáforas em sua narrativa de pesquisa na cidade de Bangalore, na Índia. O imaginário sobre Bangalore é reconstruindo no encontro com o paradoxo vivido pelos indianos. Com base em Salman Rushdie e Homi Bhabha, a autora demonstra que apreender a Índia está muito além de estabelecer a dualidade entre Ocidente e Oriente como parâmetro explicativo, e mobiliza, portanto, a ideia de um *entre-lugar* e *hibridismo* para ilustrar através das jovens de Bangalore uma metáfora sobre o próprio movimento dos indianos. A noção de modernidade indiana conjuga tradições milenares, tempo presente e elementos ocidentais, ainda assim a relação entre esses elementos não se apresenta necessariamente como conflituosa no cotidiano das pessoas. O trabalho da autora resulta no debate sobre temporalidade expresso através da ideia de “fronteiras do presente”, da agência dos sujeitos nesse processo e sua contribuição teórica a partir de estudos pós-coloniais.

Em “A construção da realidade na perspectiva relacional de Pierre Bourdieu”, Danilo Manoel Farias da Silva se volta para uma reflexão sobre a contribuição de Bourdieu no debate sobre o que é *relacional* na construção da ideia de realidade. Para tanto, o autor apresenta uma revisão das perspectivas filosófica e sociológica a respeito das múltiplas determinações do real, desde a física aristotélica, passando pela Teoria do Conhecimento, por vertentes da história do pensamento sociológico e, por fim, um diálogo com a psicanálise Lacaniana. Se a realidade é uma

construção fundada na gênese do espaço físico e simbólico, o real tem um sentido atribuído simbolicamente pelos sujeitos. Dito isso o autor aponta para o contraponto entre a perspectiva de desigualdade simbólica e sua naturalização na construção do real a partir da problematização da posição ocupada pelo observador, e apresenta os efeitos de mediação do *poder simbólico* na ideia de real.

Pablo Giori mobiliza conceitos que tratam de territorialidade e identidade para realizar um debate sobre nacionalismo com base em seus estudos de doutoramento a respeito dos casos específicos da Catalunha (Espanha) e Quebec (Canadá). Seu artigo, “Nacionalismo cultural, propostas metodológicas interdisciplinares”, aponta que os trabalhos que vem sendo desenvolvidos no campo do nacionalismo tem priorizado um tipo de análise mais focada em aspectos institucionais formais. Há, entretanto, outra vertente, do multiculturalismo cultural, que vem se desenvolvendo com um método que prioriza a compreensão dos sujeitos como agentes culturais simbólicos nas práticas cotidianas nesses espaços. O autor propõe a conversão dessas duas vertentes em um método único que conjugue essas perspectivas como complementares. Para tanto, três níveis de compreensão são propostos como fundamentais como proposição metodológica desse processo, a saber: a experiência da nação, o nacionalismo cultural e o nacionalismo político. Com eles, a emergência do diálogo entre antropologia, sociologia e ciência política surge no campo de discussão sobre identidade e territorialidade.

Em “Pessoas, indivíduos e ciborgues: conexões e alargamentos teórico-metodológicos no diálogo entre antropologia e feminismo”, Michele Escoura apresenta uma revisão crítica dos livros *O gênero da dádiva* ([1988]. 2006) e *Partial Connections* (2004. [1991]) da antropóloga Marilyn Strathern. A autora problematiza a ideia de sociedade a partir dos estudos de Strathern sobre a Melanésia e discute totalidade e alteridade em estruturas de comparação em sistemas teóricos. Segundo ela, os limites e a impossibilidade de tradução da ideia de *sociedade* como forma de organização social na Melanésia apontam para o conceito de ficção (Haraway) como caminho para pensar antropologia como perspectiva

construída. Com isso, a autora se apoia em Judith Butler para problematizar a ideia de falocentrismo na ciência moderna e abre a discussão sobre corpo e gênero como empreendimento epistemológico.

No mesmo caminho sobre a crítica da objetividade científica e inclusão do corpo do pesquisador/da pesquisadora nos debates metodológicos, Gleiton Matheus Bonfante debate ressignificação da noção de espaço e corpo na era tecnológica. Em “O ocaso do racionalismo e a perspectiva erótica no empreendimento etnográfico: por uma ciência do tesão”, o autor apresenta as implicações científicas contemporâneas nas relações entre tecnologia e corpo possibilitadas pelo uso dos *smartphones*. Neste trabalho Bonfante relata sua etnografia virtual em aplicativos que auxiliam gays na busca por parceiros fisicamente próximos como *Grindr*, *Scruff* e *Hornet* e seu envolvimento emocional e físico na busca por indivíduos dispostos a contribuir diretamente com a investigação nesses aplicativos. Com a tecnologia de aplicativos (conhecido como apps) interligada ao programa de localização por satélite (GPS), a noção de espaço físico é subvertida e redistribuída entre espaço virtual (aplicativo) e espaço geográfico. O autor recupera Descartes para desconstruir a divisão clássica entre corpo e mente no campo científico, e aponta a necessidade de se repensar o corpo do pesquisador integrado ao campo de pesquisa, e defende, com isso, a perspectiva que compreende campo linguístico como construção e performance. Bonfante, assim como Escoura, apresenta uma crítica à tradição positivista e a noção de objetividade na atual narrativa científica cis heteronormativa e advoga em função de uma metodologia que considere sensações, sentimentos e corpo convertidos na composição da produção de saber científico.

Na contramão do que vem sendo defendido nos artigos anteriores, Leandro Módolo Paschoalotte expõe um contraponto em seu alerta sobre o retorno do predomínio de uma ontologia biocientífica nas pesquisas dos anos 1990. Em seu texto o autor apresenta uma leitura de Jared Diamond e Steven Pinker, ambos os intelectuais são das ciências naturais, e representam a síntese dos debates contemporâneos sobre evolução, genética e biociência. A pergunta que norteia o trabalho de Paschoalotte, “o que é homem?”, ilustra uma tentativa de recolocação do “homem” na

centralidade epistemológica científica. O que a princípio parece ser uma crítica ao positivismo converte-se, com o apoio teórico de marxistas como Jameson, na classificação de trabalhos que colocam teóricos considerados pós-modernos no centro dos debates epistemológicos da década de 1970 e 1980, responsabilizando-os por um suposto vazio teórico que resultou na retomada de um predomínio ontológico biocientífico nas pesquisas da década posterior.

Por fim, em “A Amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto”, Juliana Vinuto lança um olhar sobre a técnica da bola de neve, desenvolvida como ferramenta de investigação de campo de tipo análise qualitativa. Com base em sua pesquisa sobre o processo de construção social dos adolescentes internos da Fundação CASA a partir de relatos de atendimentos dos funcionários, professores, psicólogos, gestores etc., a autora relata sua busca por pessoas que se dispusessem a ser entrevistadas no desencontro com as formalidades burocráticas, como autorização oficial, para participar das entrevistas sobre a prática cotidiana na Fundação. Com base em Simmel, o texto problematiza as formas de *confiabilidade* para acesso a possíveis entrevistados, em especial no caso de Instituições formais cujos discursos e informação são, muitas vezes, sigilosas, controladas juridicamente, ou ainda possam acarretar em sérias consequências no encontro da controvérsia entre o discurso oficial e suas práticas.

Além dos textos apresentados acima, convidamos Laymert Garcia Santos, docente aposentado no departamento da Sociologia do IFCH-UNICAMP, para publicar em forma de artigo a exposição “Tradicional, moderno e contemporâneo”, realizada na ocasião de encerramento do 1º Fórum do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (IFPPGS) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas em 27 de março de 2014.

Em sua exposição, Laymert invoca uma perspectiva sobre temporalidade na chamada era da aceleração. Para ele, a velocidade das transformações tecnológicas de 1970 para cá estabelecem um novo parâmetro de aceleração das atividades humanas e não-humanas. Ao problematizar os objetivos das produções tecnológicas recentes,

o sociólogo constata uma transformação da noção *tempo*, resultado de uma combinação de demandas tecnológicas e a maneira como estas passaram a estabelecer uma relação de mediação na vida humana. A tecnologia de internet e smartphone transforma também a noção de espaço agregando um componente para sua ressignificação de espaço físico e espaço virtual. Considerando que essa noção de tempo no contexto de aceleração tecnológica não é compartilhada universalmente, alteridade e temporalidade se tornam, conjuntamente, central para pensar o poder político da tecnologia hoje. Laymert é no Brasil um dos precursores da defesa de uma agenda de pesquisa voltada para a sociologia da tecnologia, e para ele a resistência política a esse movimento de ditadura do tempo reside na criação de espaços que subvertam a concepção de aceleração exposta por ele.

Com estas reflexões esperamos contribuir com o desenvolvimento de debates dos caminhos metodológicos das pesquisas em Ciências Sociais abrindo novos horizontes. Agradecemos às autoras e autores pela contribuição intelectual na construção desse dossiê; à Dr. Samira Feldman Marzochi, coordenadora da Revista *Temáticas*, pelo convite; ao setor de publicações e gráfica do IFCH-UNICAMP pelo auxílio técnico fundamental para a efetivação deste trabalho e às demais pessoas que tornaram esta publicação possível.

Gilda Portugal Gouvêa & Flávia X. M. Paniz